

## MÍDIA IMPRESSA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ALGUNS DISCURSOS EM ANÁLISE <sup>1</sup>

Bárbara Hees Garre<sup>2</sup>  
Paula Corrêa Henning<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste trabalho analisam-se alguns discursos que tratam da Educação Ambiental na mídia impressa. O recorte situa-se num estudo das reportagens das Revistas Veja e Superinteressante a partir da década de 90. Aqui, entende-se a mídia como um importante campo de produção de subjetividades, que interpela os sujeitos e vai constituindo suas formas de ser e viver no mundo contemporâneo. Nas revistas selecionadas evidencia-se um grande número de edições com reportagens voltadas para a problemática ambiental, vinculando esta a ideia de crise do planeta. As análises realizadas até o momento provocam a pensar a Educação Ambiental para além da impregnação naturalista e romântica do “contato com a natureza” e dos discursos de periculosidade tão veiculados acerca da questão ambiental.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Mídia Impressa; Discurso e Michel Foucault.

### Situando a Problemática de Estudo

Neste trabalho pretendemos analisar alguns discursos que tratam da temática da Educação Ambiental na mídia impressa, mais especificamente os divulgados nas Revistas Veja e Superinteressante a partir da década de 90. Escolhemos tal tema de pesquisa por entender a Mídia como um importante campo de produção de subjetividades, que interpela os sujeitos e vai constituindo suas formas de ser e viver no mundo contemporâneo. A partir de alguns estudos vimos olhando para a mídia como uma Pedagogia Cultural, que ensina e educa. Essa Pedagogia indica modos de fazer, de se comportar, de consumir e de desejar, produzindo e gerenciando a vida das pessoas. Assim, a mídia tem se constituído como referência e espaço privilegiado de circulação de novas aprendizagens. Não apenas exibi determinados gestos, informa acontecimentos, mas cria um novo jeito, uma nova e específica maneira de viver e

<sup>1</sup> Pesquisa Financiada pela CAPES e CNPq.

<sup>2</sup> Mestre em Educação em Ciências e Doutoranda do PPG em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. Bolsista CAPES. Professora do IFSUL-Rio-Grandense campus Pelotas. e-mail: [barbaragarre@gmail.com](mailto:barbaragarre@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação e professora adjunta do Instituto de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande. e-mail: [paula.henning@ig.com.br](mailto:paula.henning@ig.com.br)



experimental o contemporâneo. A mídia entendida como Pedagogia Cultural se constitui em lugar de aprendizagem para além da Escola.

Governar condutas e estabelecer o pleno funcionamento da produção são estratégias elementares para manter a perspectiva neoliberal globalizada, e as revistas funcionam como dispositivos produtivos que operam com o objetivo de ensinar, sugerir como os indivíduos devem se comportar, o que devem aprender, onde e para quê (GERZSON, 2009, p. 152).

A escolha da Revista Veja como *corpus* discursivo desta Pesquisa se deu, primeiramente, pela sua ampla circulação em nível nacional e por se constituir em um dos mais conhecidos veículos de comunicação em nosso país. Dessa Forma, situaremos o trabalho num estudo das reportagens da revista a partir da década de 90, década esta em que há uma forte acentuação das preocupações voltadas à crise do meio ambiente no Brasil. Em pesquisa prévia constatamos um número significativo de edições ao longo destes 20 anos, preocupadas com a problemática ambiental. Esta primeira investigação foi realizada no acervo digital disponibilizado. Com a palavra-chave Educação Ambiental, foram encontradas 31 edições da revista, desde março de 1990. Quando a expressão “Educação Ambiental” foi cruzada com a expressão “Crise Ambiental”, o acervo ampliou-se para 87 edições tratando da temática. Tal amplitude dá visibilidade ao entendimento de crise que é conferido à questão ambiental nas duas últimas décadas.

Ainda para compor o *corpus* de análise deste trabalho escolhemos, num segundo momento, a Revista Superinteressante. Revista também de ampla circulação, de uma editora conhecida e reconhecida em nível nacional, a Editora Abril. Essa Revista traz de forma emblemática uma chamada que a intitula a “Revista do Conhecimento”. Em pesquisa no site encontramos 150 reportagens que tratariam da temática da Educação Ambiental. Além disso, a Revista disponibiliza no site um link SUPERVERDE, este trata de assuntos relacionados à questão ambiental que vão desde a preocupação com a poluição do ar até um manual que ensina a sobreviver a um ataque nuclear.

Pensamos que tal recorte justifica a empreitada de estudos de uma Tese, analisando os discursos referentes ao campo da Educação Ambiental desde a década de 90, em duas revistas importantes no cenário da mídia brasileira. Há que se colocar sob suspeita e problematizar tais ditos. Destacamos ainda que escolhemos trabalhar com estas duas revistas por entendê-las como mídias potentes, produtoras de verdades e sentidos, que conduzem a vida dos sujeitos. Assim, a partir de Nietzsche (2003) escolhemos travar algumas batalhas contra causas vencedoras. Escolhendo, nesse momento, lutar com os discursos das Revistas Veja e Superinteressante, por entendê-las como vencedoras, fortes e potentes no campo da mídia impressa.

Primeiro: **eu ataco coisas que são vitoriosas** – caso for necessário eu espero até que elas sejam vitoriosas. Segundo eu apenas ataco coisas contra as quais eu jamais encontraria aliados, contra as quais tenho que me virar sozinho – contra as quais tenho que me comprometer sozinho... Jamais dei um passo em público que não compromettesse: é esse o meu critério de ação correta. Terceiro: eu jamais ataco pessoas – eu apenas me sirvo da pessoa como de uma poderosa lente de aumento, através da qual é possível tornar manifesta uma situação de necessidade comum, mas furtiva e pouco tangível. (...) **Quarto eu apenas ataco coisas contra as quais todo o tipo de diferença pessoal é excluído, contra as quais não existe qualquer segundo plano relativo a más intenções.** Pelo contrário, **atacar é uma prova de bem-querer** em mim e, conforme a circunstância, de agradecimento (NIETZSCHE, 2003, p. 38) [grifos meus].

Nesse combate entendemos que se torna importante situar o conceito de discurso com o qual operamos. Os discursos não ocorrem fora de uma ordem do discurso mais ampla, mas num campo de ação possível, num sistema que acolhe esses ditos e os faz funcionar como verdadeiros. Esses dizeres não estão soltos no mundo à espera de serem interpretados, desvelados, descobertos. Eles são produzidos e produzem esse mundo, e nele produzem efeitos de verdade. Para Foucault os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (2002, p. 56).

## **Metodologia de Pesquisa**

A Pesquisa pretende fazer um estudo genealógico, investigando os discursos que constituem a Educação Ambiental nas três últimas décadas. O que a mídia coloca em destaque, quais discursos e verdades vêm produzindo acerca da questão ambiental, são questões a serem problematizadas. Dessa forma, pretendemos fazer tal investida de estudo para entender as condições de possibilidade que deram visibilidade a este campo de saber na atualidade. Ao realizar tal operação pretendemos trazer para discussão as recorrências e descontinuidades em tais discursos. Assim, a pesquisa em andamento faz uma provocação à proliferação discursiva da Educação Ambiental na mídia, questionando alguns discursos.

Nesse trabalho pretendemos operar com a análise do discurso a partir dos estudos de Michel Foucault, trabalhando com algumas ferramentas analíticas. Visualizamos neste momento as ferramentas de discurso, enunciado, relações de poder e ética. Destacamos que nossa intenção é problematizar, discutir, indagar, analisar os discursos, ficando no nível do que está dito e simplesmente do dito. Assim, nossa tentativa não é de descobrir quais discursos são verdadeiros ou quais são falsos.

Desta forma o conceito de discurso com o qual operamos diz respeito a tudo aquilo que é enunciável e visível, diz respeito a todas as manifestações que produzem a vida social em uma determinada episteme. Em outras palavras, os discursos descrevem, fabricam, inventam o mundo, que só tem sentido a partir desses ditos. As escolhas

metodológicas, para trilhar este caminho da pesquisa estão amarradas, principalmente, com o referencial teórico de Michel Foucault.

Tantas incertezas, gostaria de substituir pela análise do discurso ele próprio em suas condições de formação, na série de suas modificações e no jogo de suas dependências e de suas correlações. O discurso apareceria, assim, em uma relação descritível com o conjunto de outras práticas. Ao invés de lidarmos com uma história econômica, social, política, englobando uma história do pensamento (que lhe seria a expressão e como duplicação), em vez de lidarmos com uma história das ideias que se referiria (seja por um jogo de signos e de expressão e como, seja por relações de causalidade) a condições extrínsecas, **lidaríamos com uma história das práticas discursivas nas relações específicas que as articulam com as outras práticas.** (...) E é no espaço dessa história geral que poderia circunscrever-se como disciplina **a análise histórica das práticas discursivas** (FOUCAULT, 2010, p. 15) [grifos meus].

O filósofo francês não delimita um método de fazer análise do discurso, é avesso a qualquer possibilidade rotulável e de uniformização. O que ele nos possibilita são algumas pistas, nos colocando à disposição, caixas de ferramentas para operarmos de forma analítica. Não podemos dizer que qualquer coisa é aceitável para se fazer análise do discurso. É necessário compromisso teórico ao utilizar as ferramentas analíticas foucaultianas. Estas ferramentas são produtivas para algumas análises e algumas discussões. Entendemos que para o trabalho aqui pretendido essas ferramentas são potentes e produtivas. Foucault em entrevista concedida a Roger Pol-Droit fala de suas obras e do quanto elas podem servir como caixas de ferramentas:

Todos meus livros, seja História da Loucura seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal idéia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT in POL-DROIT, 2006 p. 52).

Após a definição do *corpus* discursivo e organização dos dados empíricos pretendemos formar as unidades analíticas da pesquisa. Após a seleção dos dados, intencionamos reuni-los em unidades de análise. Importante destacar que ao reunir e agrupar os dados que emergem do próprio material empírico, não definiremos previamente categorias de análise. O trabalho vai se constituindo, a partir dos enunciados recorrentes que se ligarem uns aos outros, compondo o discurso midiático sobre Educação Ambiental nas revistas em análise. O trabalho do pesquisador é reunir e organizar os enunciados, que estão dispersos e embaralhados, produzindo unidades de sentido, estabelecendo as regularidades enunciativas. Cabe ao pesquisador produzir as unidades analíticas. Lembrando que os enunciados não se encontram em estado puro e natural, a espera de serem descobertos. Para Foucault o enunciado é central para que se faça a análise do discurso.

[...] Colocamo-nos na retaguarda em relação a esse jogo conceitual manifesto; e tentamos determinar segundo que esquemas (de seriação, de grupamentos simultâneos, de modificação linear e recíproca) os enunciados podem estar ligados uns aos outros em um tipo de discurso;

tentamos estabelecer assim, como os elementos recorrentes dos enunciados podem reaparecer, se dissociar, se recompor, ganhar em extensão ou em determinação, ser retomados no interior de novas estruturas lógicas, adquirir em compensação, novos conteúdos semânticos, constituir entre si organizações parciais [...] (2002, p. 66 e 67).

## Alguns Dados em Análise

Entendemos que os discursos midiáticos colocados em circulação legitimam verdades que se reverberam como opinião pública – e esses jogos de verdade acabam por engendrar e produzir modos de vida. Vimos que a Educação Ambiental constitui-se como um desses discursos legitimados pela mídia e que operam no nível do coletivo para atingir o indivíduo em suas ações diárias. A mídia vai ensinando as formas corretas de fazer e se comportar frente a problemática ambiental.

### SOS TERRA

Países e pessoas agem...

... mas alguns ainda duvidam (Veja, outubro de 2007).

A realidade do aquecimento global criou uma preocupação com o ambiente como nunca se viu: **todo mundo quer fazer a sua parte para salvar o planeta** (Veja, outubro de 2007, p. 87) [grifos nossos].

A vida sem papel higiênico

[...] se submete há um ano à experiência de **viver sem causar nenhum dano a natureza**. Isso inclui **dispensar o papel higiênico, iluminar a casa com velas, evitar os eletrodomésticos e só andar a pé ou de bicicleta** (Veja, outubro de 2007, p. 93) [grifos nossos].

Pagar para não derrubar

Reflorestar

Energias alternativas

Carros elétricos e Híbridos (Veja, dezembro 2009, p. 136).<sup>4</sup>

Visualizamos nos excertos acima o quanto a mídia ensina e constitui formas de ser e viver através de uma Pedagogia. Ela dita o que fazer e como fazer e assim vai direcionando e conduzindo a vida de cada um. Assim, olhamos para alguns discursos midiáticos e colocamo-nos a pensar sobre a fabricação de verdades no campo da Educação Ambiental. Olhamos para este campo de saber como estratégia de controle da vida social, tão bem difundidas pelos meios de comunicação, aqui especialmente as Revistas Veja e Superinteressante. Articulamos tal estratégia ao que Foucault conceituou de biopoder (2005; 2008), um poder sobre a vida, agindo com técnicas de prevenção e seguridade pelo bem-estar da massa de indivíduos. O biopoder tem como alvo a população, mas para isso precisa capturar individualmente cada sujeito, para que juntos ajam em prol do planeta. Todos e cada um fazem parte desse jogo.

Assim, os discursos proliferados na mídia acerca das problemáticas ambientais e da recorrente preocupação com o fim do planeta nos levam a pensar que tais ditos não

---

<sup>4</sup> As frases destacadas como excertos em análise, compõem uma reportagem especial da edição número 2143 e são subtítulos de trechos que são discutidos no decorrer da matéria jornalística.

se dirigem apenas para um sujeito, mas para o coletivo que deve, junto, se mobilizar para que ações individuais repercutam na transformação do meio ambiente e contribuam para a “Salvar a Terra” (Veja, reportagem de capa, outubro de 2007). Percebemos, então uma forte articulação o biopoder – um poder sobre a vida – tecnologia de poder que estaria relacionada e endereçada a população.

Na correnteza com Foucault podemos dizer que a partir do século XVII surge a preocupação com a vida, de duas formas diferentes, que não são contraditórias, mas que se interligam e se fortalecem mutuamente. A primeira é a preocupação com o corpo individual, com o homem-corpo, aplicando técnicas de adestramento e vigilância, ampliando as aptidões, tornado os corpos dóceis e úteis para atender às exigências modernas. Foucault (1985 e 2002a) caracteriza essa primeira forma como uma anátomo-política do corpo humano que se exerce pelo poder disciplinar. Já na segunda – que surgiu em meados do século XVIII – há uma preocupação com o corpo-espécie, com o homem enquanto ser vivo, pertencente de uma população, centrando-se em processos de longevidade, saúde, nascimentos, mortes e todas as variáveis relacionadas a vida, constituindo assim uma bio-política da população (FOUCAULT, 1985; 2005 e 2008). Essas estratégias de exercício do poder, seja pelas técnicas disciplinares, seja pelas tecnologias biopolíticas são colocadas em operação conjuntamente, não se constituindo em pólos antagônicos, muito pelo contrário. O que podemos dizer é que em determinados momentos uma se exerce com mais potência do que a outra.

Assim, passamos a olhar alguns discursos de Educação Ambiental, tão divulgados na mídia, que colocam em operação tanto a tecnologia do biopoder quanto a tecnologia disciplinar. Nos excertos abaixo apresentamos o quanto a disciplina e o biopoder se exercem conjuntamente em alguns enunciados.

Salvar a Terra – como essa ideia triunfou

Militância ecológica: dos “verdes” aos radicais do “planeta sem gente”

Consciência ambiental: filho único; camiseta de fibra reciclada; sacola d fibra natural; fralda de pano; alimentos orgânicos; cantil (para evitar garrafas pet); calça de algodão orgânico feita à mão; bicicleta 0 de CO<sup>2</sup>; sandálias com lona de pneu reciclado (Veja, reportagem de capa, outubro de 2007).<sup>5</sup>

Aqui é necessário que cada um faça a sua parte pelo planeta, comprando e consumindo produtos “ecologicamente corretos”, andando de bicicleta para não poluir o ar, tendo apenas um filho. Com tais ações o planeta terra e, conseqüentemente, a população serão beneficiados. Percebemos com chamadas como esta um forte apelo

---

<sup>5</sup> Estes excertos referem-se a chamada de capa da edição número 2031 da revista Veja.

para que o sujeito disciplinado atenda ao convite, realizando ações diariamente, pensando no bem-estar da maioria dos indivíduos. Assim, o biopoder captura-nos para que em nosso cotidiano façamos o melhor para a continuidade da vida no planeta.

Importante destacar que o conceito de poder que operamos é da ordem da produtividade, para além de questões boas ou ruins. Entendemos, a partir de Foucault que o poder é algo que se exerce em relação e não algo que se detém, pressupondo um agir sobre a ação do outro. O poder é assimétrico e está relacionado a produção do saber.

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 1990, p. 08).

Dessa forma, operamos com os conceitos de poder disciplinar e biopoder os entendendo como importantes tecnologias de governo, seja do governo de cada um, seja do governo das populações. Vemos no exercício das estratégias biopolíticas uma arte de governar, uma governamentalidade que tem como foco principal a manutenção da vida e para tanto se utiliza dos dispositivos de segurança para garantir o bem-estar da população, protegendo-a e prevenindo-a contra os males e os prováveis perigos que possam vir a acontecer. Assim, o biopoder tem nos mecanismos de previsão, estatística e probabilidade, importantes ferramentas de mapeamento e diagnóstico. Essas ferramentas possibilitam traçar calculadamente, as estratégias de prevenção, garantindo a seguridade dos indivíduos, prevendo o que poderá ocorrer no futuro e agindo para impedir que algo coloque em perigo a vida da população. Foucault argumenta que “(...) a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc” (FOUCAULT, 2005, p.289). Percebemos nos excertos abaixo, o quanto os dados estatísticos e a preocupação com o futuro do planeta são chamados em auxílio:

#### **O planeta pede Socorro**

Aquecimento da atmosfera, florestas destruídas, escassez de água limpa, derretimento das geleiras, extinção dos animais,... Ah, tem mais: uma nuvem de poluentes cobre metade da Ásia, onde vive um quinto da humanidade (Veja, reportagem de capa, agosto de 2002).<sup>6</sup>

#### **O Alerta dos Pólos**

Veja foi ao Ártico e a Antártica e encontrou cientistas alarmados com o ritmo de derretimento do gelo polar (Veja, reportagem de capa, abril de 2007).<sup>7</sup>

No Ártico, o ritmo da elevação da temperatura na atmosfera é o dobro da média global. A calota gelada do Oceano Ártico deve desaparecer totalmente durante o verão a partir de 2060. Na escala

---

<sup>6</sup> Chamada para a reportagem especial da edição número 1765.

<sup>7</sup> Título da Reportagem Especial da edição número 2003.

geométrica meio século é um piscar de olhos [...] Ninguém pode ficar indiferente dessas mudanças (Veja, p. 78, abril de 2007).<sup>8</sup>

Destacamos que o biopoder tem como foco a gestão da vida da população, centrando-se em processos de “fazer viver”. Nas sociedades biopolíticas a população não é vista como uma massa de indivíduos que ocupam determinado território. Aqui a vida entra em cena com todos os aspectos que lhe são próprios, econômicos, sociais, culturais e ambientais. O foco é fazer crescer, é multiplicar as forças, melhorando a situação da população, aumentando as riquezas, prolongando a vida, investindo na saúde, cuidando do meio ambiente.

De que se trata nessa nova tecnologia de poder, nessa biopolítica, nesse biopoder que se está instalando? Eu lhes dizia em duas palavras agora há pouco: trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (os quais não retomo agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (FOUCAULT, 2005, p. 289 e 290).

Segundo Mauricio Lazzarato (2006) o biopoder pode ser definido da seguinte forma:

O biopoder é uma modalidade de ação que, como as disciplinas, é endereçada a uma multiplicidade qualquer. As técnicas disciplinares transformam os corpos, ao passo que as tecnologias biopolíticas se dirigem a uma multiplicidade enquanto massa global, investida de processos coletivos específicos da vida, como o nascimento, a morte, a produção, a doença (2006, p. 74).

Vemos nas estratégias biopolíticas uma gerência da vida muito mais sutil, muito mais espalhada por todo o corpo social. Uma estratégia de defesa da sociedade. Olhamos para a Educação Ambiental e os discursos tão em voga na mídia e visualizamos tal estratégia de gerenciamento da vida em operação, convocando cada um e todos a fazerem a sua parte para que não ocorra “O Fim do Mundo” (Veja, reportagem de capa, dezembro de 2009).

Talvez se possa assim, de maneira global, pouco elaborada e portanto inexata, reconstruir as grandes formas, as grandes economias de poder no Ocidente: em primeiro lugar, o Estado de justiça, nascido em uma territorialidade de tipo feudal e que corresponderia a grosso modo a uma sociedade da lei; em segundo lugar o estado administrativo, nascido em uma territorialidade de tipo fronteira nos séculos XV e XVI e que corresponderia a uma sociedade de regulamento e de disciplina; finalmente, um Estado de governo que não é mais definido essencialmente por sua territorialidade, pela superfície ocupada, mas pela massa da população, com seu volume, sua densidade, e em que o território que ela ocupa é apenas um componente. Este Estado de governo que tem essencialmente como alvo a população e utiliza a instrumentalização do saber econômico, corresponderia a uma sociedade controlada pelos dispositivos de segurança (FOUCAULT, 1990, p. 292 e 293).

Ao escrever este texto provocamo-nos a pensar o quanto os discursos de Educação Ambiental proliferados na mídia impressa e aqui em especial nas Revistas Veja e Superinteressante, produzem verdades ao mesmo tempo em que são produzidas

---

<sup>8</sup> Trecho da Reportagem Especial da edição número 2003.



por elas. Então quais as possibilidades de resistirmos a essa ordem do discurso colocada para o campo da Educação Ambiental através da Mídia? Como não entrarmos neste fluxo? Talvez seja impossível pensarmos numa resistência como ruptura total. Talvez seja deveras difícil não entrar no fluxo, não entrar na ordem do discurso; mas talvez seja possível fazer um exercício de pequenas resistências, pequenas rupturas, pequenos abalos – que movimentem nossas quietudes, nossas certezas, como nos convida Rosa Maria Bueno Fischer:

Isso significa investir na problematização daquilo que nos é dado como salvação, como calma, para nossas inquietações sociais, teóricas e metodológicas. O convite é deixarmos para trás o lago sereno das certezas e mergulharmos naqueles autores e teorizações nos quais encontremos fontes consistentes, ferramentas produtivas para a formulação de nosso problema de pesquisa, exatamente na medida em que eles nos convidem ao exercício da arte de pensar de outra forma o que pensamos, buscando tencionar essas mesmas fontes conceituais, ousando cotejá-las com outras talvez menos seguras para nós e, especialmente, ousando estabelecer relações entre esses referenciais e as primeiras incursões que fazemos em nossos materiais empíricos. (2002, p. 58).

Portanto, o trabalho que apresentamos como proposta de Tese tem como intenção mergulhar na pesquisa, abandonando convicções e certezas. Os autores que nos fundamentam nesta empreitada nos possibilitam olhar de outra forma para os materiais empíricos, provocando o pensamento sobre o não pensado. Desta forma, entendemos que é um convite e um desafio para olhar de forma diferente o campo da Educação Ambiental, tentando colocar em exercício a liberdade, através de práticas de luta.

## **Referências:**

GERZSON, Vera Regina. Aprendendo a ter sucesso: a educação para o neoliberalismo nas revistas informativas semanais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 25ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *in* POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Segurança, Território e População: curso no Collège de France (1977- 1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ditos e escritos VI – Repensar a Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In.: COSTA, Marisa Vorraber. (org). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAZZARATO, Maurizio. *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2003.